

Indumentária cativa: Mulheres escravas em Desterro no século XIX

ORIGE, Larissa Borges¹
MARQUES, César Luiz M.F²

RESUMO

A partir de registros históricos de anúncios de fuga publicados em jornais da época e das referências visuais apresentadas nas aquarelas de Debret, elaborou-se uma análise visando conhecer as características da indumentária das escravas na cidade do Desterro (atual Florianópolis), na segunda metade do século XIX. Através de um estudo inicial, baseado em três categorias (modelos, cores e elementos distintivos), procurou-se sugerir atributos significativos da estética e do vestuário das mulheres cativas. Conclui-se que a indumentária das escravas não era composta apenas de "trapos encardidos", como pode sugerir o senso comum, mas constituída de elementos estéticos que demonstravam maneiras próprias de composição do traje. Ao final criou-se uma narrativa, pautada nos resultados da pesquisa, com o intuito de dar visibilidade à presença da mulher negra na Ilha de Santa Catarina, de modo a contribuir com subsídios para a história da indumentária no Brasil, sem o objetivo de defender a verdade histórica.

113

Palavras-chave: História da indumentária. História do Brasil Imperial. Mulheres escravas.

Abstract: From historical records of escape ads published in newspapers of the time and from the visual references presented in the watercolors of Debret, an analysis was elaborated to know the characteristics of the dress of the slaves in the city of Desterro (today's Florianópolis), in the second half of the nineteenth century. Through an initial study, based on three categories (models, colors and distinctive elements), we tried to suggest significant attributes of aesthetics and clothing of the captive women. It is concluded that the dress of the slaves was not only composed of "grimy rags", as suggested by common sense, but constituted by aesthetic elements that demonstrated their own manner of costume composition. At the end, a narrative was created, based on the results of the research, with the purpose of giving visibility to the presence of the black woman in the Island of Santa Catarina, in order to

¹ Graduação Design de Moda pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: larissaborgesorige@hotmail.com.

² Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor no Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão no Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá (IFSC). E-mail: cesar.marques@ifsc.edu.br.

contribute with subsidies for the history of clothing in Brazil, without the objective of defending the historical truth.

Keywords: History of clothing. History of Imperial Brazil. Women slaves.

1. Introdução

O propósito deste artigo é ressaltar um tema que consideramos importante, mas pouco presente em publicações na área da moda, a saber, a roupa da mulher escrava. A história da indumentária no Brasil geralmente é contada a partir da abolição da escravatura. Além disso, apesar dos autores como Vidal (2015), Chataignier (2010), Prado e Braga (2011), Edvik e Sousa (2017), Sena e Mendes (2017), Monteiro, Ferreira e Freitas (2005), Suguimatsu (2016), Souza (2011), o modo como as cativas negras se vestiam ainda constitui-se campo fértil e carente de investigações.

Mais especificamente, nosso trabalho se assentará na indumentária das escravas em Desterro no século XIX.

Instituída em 1651, Nossa Senhora do Desterro,

[...] constituiu-se importante como núcleo central de apoio ao processo de ocupação pela Coroa Portuguesa da região do Brasil Meridional. Localizada no caminho entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, o porto era destaque e possibilitou a sua característica de base militar, inicialmente e, influenciou na escolha para sede da Capitania de Santa Catarina durante o século XVIII, por meio do qual a elite mercantil, nos séculos XVIII e XIX, controlou a economia do centro-sul da região, bem como, os cargos administrativos e militares, responsáveis em um primeiro momento pelo abastecimento da Corte do Rio de Janeiro, e posteriormente através do comércio de cabotagem, ampliando os contatos entre Desterro e o Rio Grande do Sul, Pernambuco, Montevideu e Buenos Aires. A cidade tornou-se Capital da Província de Santa Catarina em 1823. (RASCKE, 2010, p. 2)

De acordo com Mamigonian e Vidal (2013, p. 11) “A economia catarinense antes da fundação das colônias de Blumenau e Joinville é tida como insignificante, e assim, o auge da escravidão no litoral catarinense e a Ilha de Santa Catarina não tem recebido muita atenção [...]”. Apesar desta afirmação, notamos que nos últimos anos as publicações em história geral do Brasil vêm ganhando visibilidade acerca da população negra, em diferentes abordagens como trabalho, sociedade, cotidiano, saúde entre outros.

O interesse nesse tema partiu do desejo de evidenciar essa parcela da população, que geralmente não aparece como protagonista. A história, durante muito tempo, foi contada exaltando os “grandes homens” em “grandes feitos”, ou seja, uma história baseada em vencedores, uma história “vista de cima”. É bom lembrar que os vencedores e os grandes feitos contaram com o sofrimento e a exploração da mão de obra escrava, que estava presente durante todo o processo de colonização e

organização do país que hoje chamamos de Brasil. Ao escolhermos a mulher negra, cativa e de uma província periférica, nos alinhamos com uma história “vista de baixo”, e em certa medida, com a história cultural popular que hoje vem recebendo maior atenção em pesquisas. (BURKE, 1992).

Em termos metodológicos, a tentativa de buscar formas de colocar em cena a indumentária das escravas exigiu um recorte geográfico e temporal, bem como a seleção de fontes históricas capazes de gerar dados significativos sobre o tema. Optamos por pautar nossa pesquisa na análise documental dos anúncios de fuga contidos em jornais publicados em Desterro, de 1851 a 1865 e nas obras de Jean Baptiste Debret (BANDEIRA; LAGO, 2013), realizando um cruzamento de informações visuais e escritas, de modo a indicar elementos significativos da estética e do vestuário das mulheres escravas.

Como fonte visual separamos as aquarelas acabadas de Debret. (BANDEIRA; LAGO, 2013) Foram analisadas todas as imagens que possuíam mulheres negras. Por fim, selecionamos aquelas que poderiam nos dar informações visuais acerca dos elementos constantes nos anúncios de fuga em Desterro.

Apesar de elaboradas na primeira metade do século XIX e não retratar escravas na Ilha de Santa Catarina, as aquarelas constituem elemento valioso na investigação devido: (1) à escassez de fontes visuais sobre o tema; (2) às possibilidades de comparação que nos mostram possíveis mudanças e permanências; (3) à nossa proposta de trazer uma leitura instigadora, colocando em evidência e problematizando a questão da indumentária escrava, sem a pretensão de defender a verdade histórica.

Analisamos também, anúncios em quinze jornais, sendo que, cinco destes possuíam registros sobre fuga de escravas, a saber, “O Novo Íris”, “O Argos”, “O Conservador”, “O Despertador” e “O Mercantil”. As publicações restantes continham relatos de homens, casais ou crianças e foram desconsideradas. Somamos no total, vinte e sete relatos sobre mulheres cativas, sendo que apenas quatorze descreviam alguma característica da indumentária. Destes, alguns eram repetidos, ou informavam pouco sobre as roupas em si. Ficamos, ao final, com nove anúncios de fuga que forneciam informações relevantes para o escopo deste trabalho.

Utilizamos três categorias de análise para os dados: modelos, cores e elementos distintivos. Para cada uma destas, somamos as ocorrências e construímos quadros com o número de ocorrências de cada item encontrado. Em outras palavras, fizemos uma contagem dos modelos, cores e elementos distintivos presentes nas obras de Debret e também nos anúncios de fuga, apresentando os resultados em quadros específicos. Em seguida, passamos para a tentativa de construir uma cena cotidiana, a partir dos dados coletados, dando evidência à presença da mulher negra em Desterro do século XIX.

Nossa intenção em descrever uma cena, ainda que imaginária, em que a ênfase

recai sobre a trabalhadora negra, vem ao encontro à necessidade de contribuir ao conjunto de pesquisas que vêm sendo desenvolvida nos últimos anos. Isto diante de uma perspectiva da moda sob o âmbito da história da indumentária.

2. Evidência da indumentária escrava

Sabemos que a escravidão fez parte da maior parcela da história do nosso país. Em 1906, Machado de Assis escreveu: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada”. (ASSIS, 2007, p. 466-467).

De acordo com Ribeiro (2010, p. 106) “Todo negro alentava no peito uma ilusão de fuga [...]”. Ilusão, pois isso não era tarefa muito fácil. Aqueles que conseguiam fugir estavam sujeitos à fome e falta de abrigo. Mais, poderiam ter a perseguição dos “capitães do mato” e severas punições em caso de captura. Mesmo diante disso, alguns escravos e escravas arriscavam-se e fugiam.

Rebelatto (2013, p. 131) afirma que

A Ilha de Santa Catarina, com pequenos núcleos urbanos e muitos espaços de floresta ainda desocupados e, ao mesmo tempo, porto de passagem de navios que trafegavam pelo Atlântico sul, oferecia diferentes opções para os escravos que planejavam e também para aqueles que aproveitavam oportunidades para fugir dos seus senhores ou da escravidão.

Os jornais da época evidenciam a existência das fugas em Desterro. Os senhores ou senhoras descreviam a escrava fugitiva nos anúncios, informando algumas vezes, nome; idade; cicatrizes; etnia; indumentária; profissão; personalidade; quando fugiu e se havia ou não recompensa pela captura, entre outras informações. (FREYRE, 2012)

Ao analisarmos os anúncios de fuga em Desterro no século XIX notamos que os tipos de peças usadas por escravas fugidas, eram em sua maioria, vestidos, xales e mantas. Abaixo a quantidade de vezes que cada um aparece nos anúncios analisados (Ver Quadro 1).

Quadro 1: Modelos nos anúncios de fuga

Modelos	Ocorrência
Vestido	9
Xale	5
Manta	1

Fonte: Autoria própria (2018)

Ao analisar as cores percebemos que o branco se destaca, seguido pelo ‘encarnado’, azul e risco da terra. Esse branco poderia ser alvejado, amarelado ou encardido. O “encarnado” presumimos ser o vermelho. O azul pode ter diversas tonalidades. Não encontramos vestígios de como pode ser a cor descrita como risco da terra, seria um listrado marrom ou talvez apenas a cor marrom de um tom mais claro? Um “encardido” pelo grande tempo de uso da peça, e que não pode mais chegar a cor clara que um dia já foi? As outras cores que aparecem são: preto, listras azuis, xadrez azul, ramos encarnados e flores soltas (Ver Quadro 2).

Quadro 2: Cores nos anúncios de fuga

Cores	Ocorrência
Branco	5
Encarnado	3
Azul	3
Risco da terra	2
Preto	1
Listras azuis	1
Xadrez azul	1
Ramos encarnados	1
Flores soltas	1

Fonte: Autoria própria (2018)

Apesar do branco aparecer com mais frequência, não podemos afirmar que era a cor predominante da vestimenta escrava em Desterro. Os dados evidenciam uma cena colorida, com presença marcante do branco e, ao mesmo tempo, variedade de tonalidades de vermelho, azul e estampas.

Em relação aos elementos distintivos, constatamos apenas duas características, mas que consideramos importantes na composição da indumentária: as franjas e o adjetivo “velho” (Ver Quadro 3).

Quadro 3: Elementos distintivos nos anúncios de fuga

Elementos distintivos	Ocorrência
Velho	2
Franjas	1

Fonte: Autoria própria (2018)

As franjas aparecem apenas uma vez nos nove anúncios analisados. Seriam aplicações de linhas e fios? Faziam parte da “customização” sugerida por Chataignier (2010)?

O adjetivo “velho” nos chamou à atenção. Seria comum o uso de roupas desgastadas ou de segunda mão? Será que o sentido de “velho” para a escrava era o mesmo do anúncio?

Os dados dos anúncios de fuga sugerem que as mulheres negras em Desterro do século XIX usavam peças que apresentavam diversidade nas cores e pouca variedade de modelos e elementos distintivos.

O francês Jean-Baptiste Debret foi contratado como pintor pela corte brasileira. Chegou no Rio de Janeiro em 1816 e permaneceu por quinze anos. Em sua estadia, além de cumprir sua tarefa de registrar momentos de notoriedade da monarquia, ele também registrou a vida cotidiana da população da época. De volta à França, Debret publica essas obras em três volumes chamados de *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (LEENHARDT, 2013).

Os registros de Debret são de grande valia para entendermos um pouco sobre o cotidiano das pessoas do século XIX. E para este trabalho, utilizaremos das “aquarelas acabadas” encontradas no catálogo *raisonné* (BANDEIRA; LAGO, 2013, p.109), que relatam diferentes situações, incluindo imagens de mulheres escravas.

Realizamos, nas aquarelas acabadas de Debret, a análise das mesmas três categorias dos anúncios de fuga, ou seja, cores, modelos e elementos distintivos. No que tange aos modelos, a ocorrência maior é o turbante. Também aparecem itens como manto, a da junção de blusa com saia longa, vestido de manga curta, lenço e xale (Ver Quadro 4).

Quadro 4: Modelos nas imagens de Debret

Modelos	Ocorrência
Turbante	78
Manto	61
Look (saia + blusa)	55
Vestido manga curta	33
Lenço	27
Xale	18
Seios à mostra	9
Vestido Manga longa	7
Meia calça branca	6
Casaco longo	2
Casaco curto	2
Vestido tomara que caia	1

Fonte: Autoria própria (2018)

Quanto às cores, destacam-se: branco, azul, marrom, amarelo, vermelho, listrado vermelho, preto, xadrez vermelho e listrado azul. Enquanto nos anúncios de fuga as cores que aparecem em evidência são: o branco, encarnado, azul e o risco da terra. Podemos afirmar que branco e azul são realçados tanto nas aquarelas quanto nos anúncios. O risco da terra, se for o marrom, então também aparece em evidência nos dois. É interessante notar que o preto na aquarela parece mais “aguado”. Seria uma indicação de desbotamento natural pelo uso da peça?

Quadro 5: Cores nas imagens de Debret

Cores	Ocorrência
Branco	63
Azul	52
Marrom	37
Amarelo	27
Vermelho	24
Listrado vermelho	21
Preto	17
Xadrez vermelho	15
Listrado azul	12
Laranja	12
Rosa	10
Listrado amarelo	8
Xadrez azul	7
Flor amarela	6
Estampa indefinida amarela	5
Flor vermelha	5
Flor azul	5
Cinza	4
Listrado azul e vermelho	3
Xadrez azul e vermelho	3
Xadrez verde	3
Flor rosa	3
Listrado verde	3
Listrado rosa	3
Listrado laranja	3
Listrado vermelho e amarelo	3

Verde	2
Estampa geométrica	1
corrida	1
Flor preta	1
Flor laranja	1
Xadrez amarelo	1
Xadrez laranja	1

Fonte: Autoria própria (2018)

Chataignier aponta que as “cores que os africanos mais apreciavam eram o branco e o encarnado, ou seja, o vermelho intenso. Roxo, preto e azul também entravam nas preferências dos escravos em relação a roupas, quando eram alforriados ou possuíam donos mais compreensivos” (2010, p. 63-64). Apesar de apontada como cor de preferência, o roxo não aparece nos anúncios de fuga, nem nas ilustrações (Ver Quadros 2 e 5).

Quanto aos elementos distintivos, vemos a ocorrência maior dos barrados, seguidos pelas marcações, feitas em fitas ou faixas de tecidos, abaixo do peito. Também as mangas bufantes sejam longas ou curtas, marcação na cintura, babados e franjas.

Ao analisar os barrados, consideramos aqueles com babados, que fazem plissado, com aplicações, estampado ou bordado, e que possuem diversas alturas. Em geral aparecem em barras de saia, vestidos, lenços e mantos (Ver Quadro 6).

Quadro 6: Elementos distintivos nas imagens de Debret

Elementos Distintivos	Ocorrência
Barrado	57
Marcação em baixo do peito	46
Manga bufante	42
Faixa na cintura	37
Babado	23
Franjas	11
Calçado	11
Plissado	10
Bordado	8
Balangandãs	7
Barra arredondada	5
Barra com pontas	5
Carregando filho nas costas com tecido	4
Arruda	4
Leque	4
Laço na frente	4
Laço nas costas	3
Bolsa	3
Várias camadas de tecido	3
Desfiado	2
Chapéu	2
Tatuagem	2
Sombrinha	1
Coroa	1
Transparência	1
Trouxa	1

Fonte: Autoria própria (2018)

Os dados extraídos das aquarelas de Debret indicam que as mulheres negras costumavam usar peças diversificadas nas cores, modelos e elementos distintivos. Mesmo em diferentes proporções, comparados aos anúncios de fuga, podemos considerar que existem elementos que permanecem até a data dos anúncios. Considerando que as aquarelas eram uma forma de representação do cotidiano da época, serviram de base para inspiração e ilustração da narrativa em cena a seguir.

3. Montando a cena

O texto a seguir é uma “história” em que tentamos descrever um cenário contextualizado em nossos dados de pesquisa. As descrições do vestuário foram montadas de acordo com as fontes estudadas, procurando mesclar elementos para colocar em evidência a presença escrava em Desterro, bem como os elementos da indumentária das cativas. Entrecortando o texto, dispomos algumas aquarelas de Debret que serviram de inspiração e base para a composição. As imagens são ilustrativas, seus elementos não representam totalmente a indumentária descrita no texto, mas ajudam na visualização dos possíveis padrões de modelo e cores presentes na narrativa.

3.1. A liberdade de maria mina

Em um dia de abril de 1860, Maria Mina foi ao cartório do 2º Ofício do Desterro, no centro da cidade, juntamente com Luis de Santa Anna Carpes, seu proprietário, para fazer o registro de sua alforria. ” (POPINIGIS, 2013, p. 151)

Finalmente chegou o grande dia, o dia que alcançará sua alforria. Durante 51 anos foi escrava, sempre de famílias bem abastadas. Maria Mina sonha em ter sua liberdade desde pequena, quando vivia com sua mãe também escrava, e presenciava o que ela passava. Apesar de ser pequena, via que aquele tipo de sociedade não parecia certa, com tanta injustiça e humilhação que viu sua mãe passar. Foi por isso que sempre fez de tudo para conseguir ter seu dinheiro, e assim poder comprar sua alforria. Durante muito tempo Maria Mina guarda dinheiro, trabalhando como negra de ganho. Ganhava pouco, pois a maior parte de suas vendas eram retornadas ao seu proprietário. Mas conseguiu juntar 800\$000 (oitocentos mil réis) o suficiente para comprar sua liberdade.

Maria Mina saiu naquela manhã acompanhada de seu ainda proprietário. Ela estava vestida com um vestido azul, uma faixa branca amarrada na cintura, que fazia o laço nas costas. Estava também com um xale xadrez vermelho que havia ganhado a uns anos atrás de sua senhora, e customizou aplicando franjas nas bordas. Na cabeça utilizava um de seus poucos turbantes, um branco com flores azuis. E carregava nas costas uma trouxa com seus poucos pertences. Seus pés, descalços.³

³ “Os sapatos eram usados apenas quando os escravos conseguiam a liberdade. ” (CHATAIGNIER, 2010, p. 64)

Estavam ainda caminhando. Quando Maria avista uma senhora, acompanhada de sua escrava. Poderia estar ela mesma cuidando de seu filho, mas quem carregava a criança era a criada. A escrava parecia ser jovem, mas já demonstrava marcas da vida de servidão. Com cara de cansada, parecia fraca e estava tão magra que mal conseguia carregar o bebê. Vestia uma saia laranja com o comprimento até o tornozelo que possuía um barrado com uma estampa geométrica na cor de vermelho. Estava com uma blusa branca de manga bufante, que fazia babado nas mangas e no decote que ia de ombro a ombro. Essa escrava também estava descalça, um de seus pés estavam dentro de uma poça de água, da chuva que havia caído mais cedo. Ela estava com um manto grande marrom que passava por cima da cabeça e o restante caía para trás de um dos ombros e um outro manto que enrolava o bebê (Figura 1).

Figura 1 - Uma brasileira mulata indo passar as festas de Natal no campo



Fonte: Bandeira e Lago (2013, p. 152)

Ao chegarem no centro, ela vê quitadeiras alforriadas. Mais um pouco ela poderá dizer que é uma delas. Esse pensamento conforta seu coração sofrido no mesmo instante em que seus olhos veem um vestido branco com ramos encarnados, usado por uma das vendedoras, que cingiu uma fita de cor vermelha em baixo do peito fazendo um laço na frente. Usa também um turbante xadrez azul que aparenta ser

velho e um xale de listras azuis com barrado de flores amarelas. Ela está com um balangandã⁴ dourado na cintura.

Outra quitandeira tatuada ali por perto, veste uma saia marrom com um barrado de plissados, uma blusa com manga curta bufantes de listras vermelhas que fica por dentro da saia. Na frente um lenço retangular azul com flores amarelas amarrado no pescoço. Usa um turbante xadrez azul que cobre até metade de sua testa. Ela carrega no topo da cabeça um tabuleiro com milho verde cozido.

Logo mais em frente Maria encontra uma amiga vendendo leite em um recipiente de lata que carrega na cabeça. Maria sabe que ela usa um vestido, apenas pela barra branca que com muito custo, consegue ficar fora do manto grande de listras azuis e vermelhas que o cobre. Na cabeça usa um turbante marrom e um balangandã na cintura. Elas se cumprimentam com um sorrisinho (Figura 2 e 3).

Figura 2 - Negra com tatuagens vendendo cajus



Fonte: Bandeira e Lago (2013, p. 205)

⁴ Balangandãs é um acessório muito utilizado pelas negras de ganho, como símbolo de proteção “com uma figa, um chifre de marfim, e frutos, que parecem de ouro”. (BANDEIRA; LAGO, 2013, p. 205).

Figura 3 - Caffé torrado



Fonte: Bandeira e Lago (2013, p. 204)

Ao chegarem no cartório, seu senhor entra enquanto ela aguarda do lado de fora. Sem muita demora ele volta e entrega uma folha de papel com coisas escritas, Maria não sabe ler, mas sabe do significado que tem aquele pedaço de papel, sabe o preço que teve que pagar por ele. Sabe que agora é dona da própria vida, pode tomar suas próprias decisões e andar por onde quiser (será?).

Maria fica ali, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Quando passa uma vendedora de ervas e entrega um ramo de arruda, conhecido para afastar coisas ruins. Maria agradece e coloca no meio de seu turbante. Quando a vendedora se afasta ela nota a vestimenta da mulher, um vestido sem mangas, de cor azul, e barrado de flores brancas, na cintura tem uma fita fina que prende, está com um lenço amarelo amarrado na frente, um lado passa por cima do ombro e outro por baixo do braço. Seu turbante é vermelho e carrega um galho de arruda (Figura 4).

Figura 4 - Negra comprando arruda para se preservar do mau olhado



Fonte: Bandeira e Lago (2013, p. 210)

Quando Maria Mina se dá conta vê que as horas passaram rápido, percebe que está com fome, deve ser perto do meio dia. Ela compra um pastel de uma vendedora que estava passando com um vestido todo branco, um lenço retangular xadrez vermelho, amarrado na frente. Turbante velho e amarelo. E, “para variar” pés descalços. Ela carrega uma bandeja com um tecido por cima, para não pegar poeira nos pasteis (Figura 5).

Figura 5 - Vendedores de pastel, manoé, pudim quente e sonho



Fonte: Bandeira e Lago (2013, p. 200)

Maria Mina continua andando, e vai em direção a casa de sua amiga livre, que concedeu uns dias de abrigo junto com sua família até encontrar um local para morar. Maria está contente por estar começando uma nova vida. Ela irá trabalhar vendendo bolos de diversos sabores no centro, espera juntar dinheiro para comprar sua casa. Mesmo livre, ainda recebe olhares de desdém. Mal sabe ela que sua liberdade não mudará a sociedade (SOUZA, 2017).

4. Considerações finais

Ao estudarmos a indumentária de mulheres negras cativas do século XIX em Desterro, percebemos um campo com escassez em pesquisas específicas, na área da moda. Mas com análise documental das fontes, podemos chegar a difundir formas que as cativas negras se vestiam. Ao pensar em propiciar futuros estudos, as fontes históricas podem oferecer diferentes formas de pesquisa, que sejam distintas do atual trabalho.

Realizamos uma narrativa com o intuito de visualizar o cotidiano das mulheres escravas em Desterro no século XIX, na tentativa de proporcionar ao leitor um “passeio” entre alguns elementos históricos e o nosso objetivo central, a indumentária.

Nossa pesquisa, ainda que incipiente, mostra que a indumentária cativa não consistia apenas de trapos encardidos como pode aparecer no senso comum. Nossos dados, de certa forma, nos permitem ultrapassar essa ideia, revelando que a forma de se vestir das escravas continha distinções consideráveis. Vimos cor e detalhes (nos balangandãs, franjas, etc.), mas também elementos de distinção social.

Pensar sobre a indumentária escrava nos fez refletir sobre aspectos históricos, culturais e sociais que vão além da roupa em si. A tarefa envolveu oportunidades de leitura e revisão de autores variados que nos ajudaram a desenvolver nossas concepções acerca da escravidão no Brasil. Apontamos, finalmente, para a necessidade de estudos, tanto na história da indumentária, quanto de outras questões relativas ao cativo da população negra em nosso país, de modo a não deixar para trás este episódio da história do Brasil.

Referências

ASSIS, Machado de. **50 contos**. Colaboração de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 487 p.

BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil**: Obra completa 1816 - 1831. 3. ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2013. 720 p. Tradução de Antonio Pedro Fonseca Goulart Pereira e Flávio Lara.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 7. ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 7-37.

CHATAIGNIER, Gilda. **História da moda no Brasil**. Ilustrações de Antonio Pereira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010. 185 p.

EDVIK, Elton; SOUSA, Luciana Barbosa de. A europeização da indumentária brasileira retratada por Jean-Baptiste Debret. In: COLÓQUIO DE MODA, 13. 2017, Bauru. **Anais eletrônicos**. Bauru: [s.n.], 2017. p. 1 - 9. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio de Moda - 2017/>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Global, 2012. 127 p. Disponível em: <<https://guiadeturismornsite.files.wordpress.com/2017/02/o-escravo-nos-anuncios-de-jorna-gilberto-freyre.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

LEENHARDT, Jacques. Jean-Baptiste Debret: um olhar francês sobre os primórdios do Império brasileiro. **Revista Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 03, n. 06, p. 509-523, 2013. Disponível em: <http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2015/05/v3n06_07.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2018.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann. Uma história diversa de Florianópolis. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Org.). **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. p. 9–15.

MONTEIRO, Juliana; FERREIRA, Luzia Gomes; FREITAS, Joseania Miranda. As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade: símbolos de identidade e memória. **Revista de Humanidades: mneme**, Caicó, v. 7, n. 18, p. 382-403, nov. 2005. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/329/302>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

POPINIGIS, Fabiane. "Aos pés dos pretos e pretas quitandeiras": Experiências de trabalho e estratégias de vida em torno do primeiro Mercado Público de Desterro - 1840-1890. **Afro-Ásia**, n. 46, p. 193-226, 2012. Semestral. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21266/13848>>. Acesso em: 28 mai. 2018

POPINIGIS, Fabiane. Africanos e descendentes na história do primeiro mercado público de Desterro. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Org.). **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. cap. 7.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. 2. ed. Barueri: Disal, 2011. 637 p.

RABELATTO, Martha. Quilombos e fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Org.). **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. cap. 6.

RASCKE, Karla Leandro. Trabalhos, moradias e devoções: vivências de populações de origem africana em Florianópolis na virada do século XIX para o XX. **Revista Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 8, p. 1-23, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/historia/article/view/923/1043>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 7. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. 435 p.

SENA, Malu Martins; MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. A indumentária escrava como fator de distinção social no período colonial brasileiro. In: COLÓQUIO DE MODA, 13. 2017, Bauru. **Anais eletrônicos**. Bauru: [s.n.], 2017. p. 1 - 8.

Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio de Moda - 2017/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SOUZA, Jessé José Freire de. **A elite do atraso: Da escravidão à lava-jato**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017. 132 p.

SOUZA, Patricia March de. **Visualidade da Escravidão: representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista**. 2011. 263 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social da Cultura, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=17541@1>. Acesso em: 15 fev. 2018

SUGUIMATSU, Isabela Cristina. **Atrás dos panos: vestuário, ornamentos e identidades escravas: Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX**. 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Arqueologia Histórica, Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Antropologia, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-AU2NJB>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

VIDAL, Julia. **O africano que existe em nós, brasileiros: moda e design afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura Editorial, 2015. 128 p.